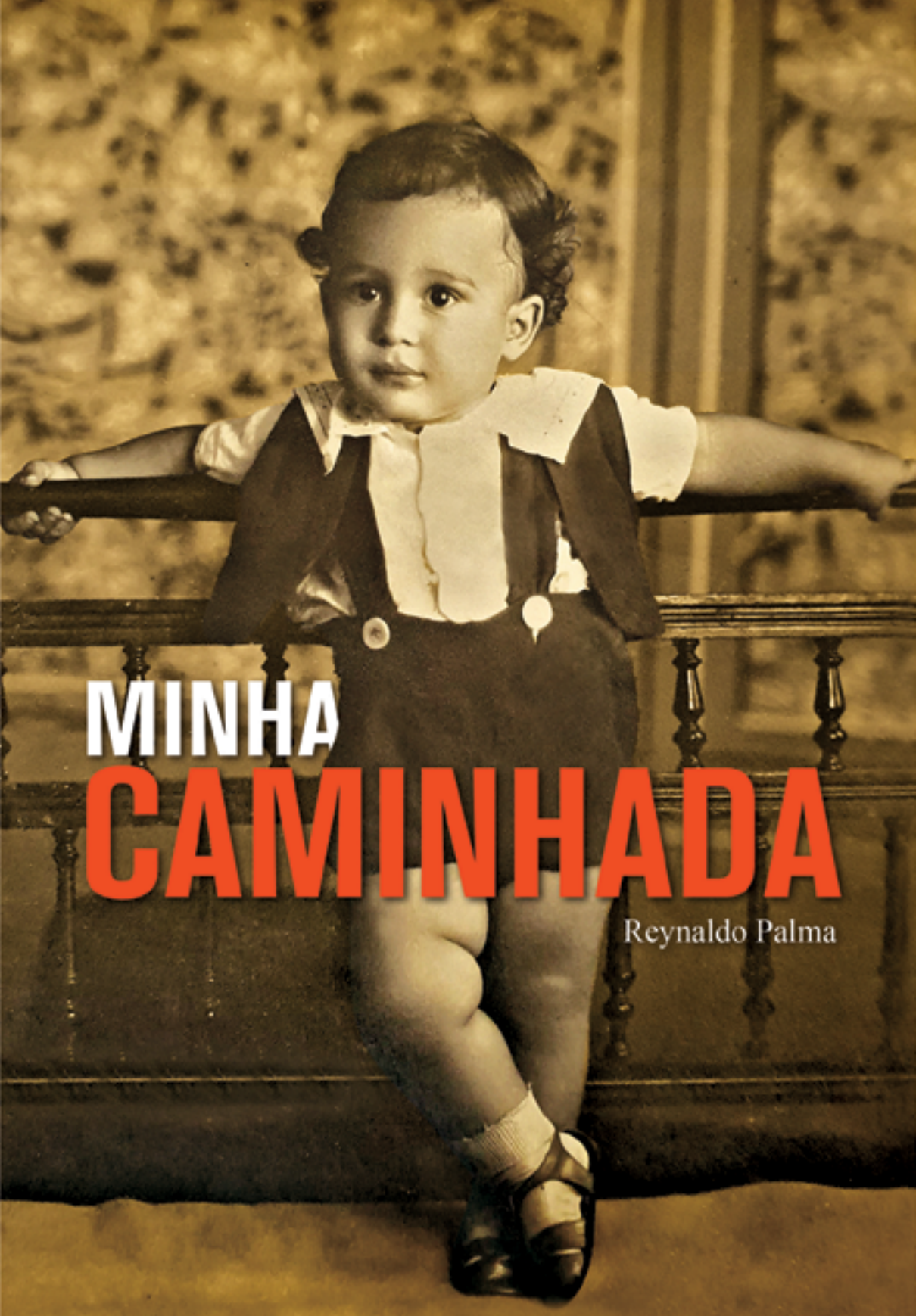
MINHA
CAMINHADA
Reynaldo Palma

Copyright @ by Sandra Palma, 2022

Direitos desta edição reservados a
Sandra Palma
sandrapalma@terra.com.br
www.instagram.com/scpalma
WhatsApp (11) 983218858

Editado em Araçariguama na primavera de 2022

Impresso na gráfica Imagem Digital
Miolo em papel Pólen Bold Comercial Soft 90g/m²
Capa em Cartão 250g/m² com Laminação Fosca

Autor da Obra
Reynaldo Palma

Concepção, transcrição, redação, edição, preparação,
revisão e aprovação da versão a ser publicada
Sandra Palma

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa
Marina Takeda

Imagens
Arquivo pessoal da família

Minha Caminhada

1ª edição
26 de outubro de 2022

Reynaldo Palma
em co-autoria com Sandra Palma

A verdade é um espelho que caiu
do céu e se partiu em mil pedaços.

Cada pessoa pegou um pedaço e
pensa que tem toda a verdade.”

Rumi,
poeta e teólogo sufi persa do século XIII

Minha motivação para escrever o livro do papai

Minha motivação? Porque ELE é meu herói!☺

No dicionário, encontro definições como “um homem ousado pelas suas qualidades guerreiras, triunfo, valor, generosidade. Corajoso, valente, notável, audaz, audacioso, destemido, arrojado, intrépido, paladino, protetor, defensor. Suas soluções exigem feitos grandiosos e esforços extraordinários”.

Para mim, ele é TUDO ISSO junto e misturado.

Heróis também são considerados semideuses, aqueles que serão divinizados mesmo após sua morte. Acho que é por isso que decidi registrar suas memórias - é a forma que encontrei de mantê-lo eterno, também desta maneira.

Minha inspiração partiu dos encontros em família em São Manuel. São sempre muito divertidos! Apesar da casa ser espaçosa, gostamos mesmo é de ficar apertados na cozinha como sardinhas em lata. A gente vai se revezando na boca do fogão, no lavar louças, nas poucas cadeiras ou trazemos uns banquinhos extras pra ninguém ficar muito tempo em pé. É ali que nos reunimos pra conversar, beber e saborear refeições especiais. Ficamos horas! As vezes, depois dos quitutes prontos, levamos tudo para a mesa na sala para nos servirmos... mas não é a mesma coisa: parece que a alquimia se desfaz.

A cozinha é como “coração de mãe”. Sempre cabe mais um desde que não sente no lugar do papai. O lugar dele é fixo, ali no canto, perto da talha, ao lado do escorredor de pratos, atrapalhando quem quer pegar uma panela no armário sob a pia. Dali ele não sai nem com reza braba! E olha que eu já insisti para que mudasse de posição à mesa, para ter outro ponto de vista... mas sem sucesso.

Os assuntos costumam ser os mesmos: no futebol – jogo do Tricolor versus os Meninos da Vila Belmiro; na política - presidentes versus presidenciáveis; na economia - o valor da gasolina, a taxa de inflação e a preservação dos cubos de gelo (antes que se derretam por completo, devem voltar ao congelador).

Entre um trago e outro, pode até aparecer o tema “reforma e ampliação desse diminuto espaço”, já que a família vai aumentando lentamente. Mas não dura muito. Logo meu pai dá duas negativas e puxa o assunto para o tema que tanto o perturba.

Afinal:

QUAL É A VERDADE VERDADEIRA?
Teoria do Big Bang? Darwin? Adão e Eva?

ONDE ESTÁ A VERDADE VERDADEIRA?
No céu? No mundo dos espíritos? Na elite secreta de homens arquibilionários?

QUEM SABE A VERDADE VERDADEIRA?
Jesus Cristo? Príncipe Sidarta? Thiago?

Um deleite! Passamos horas e horas nessas discussões acaloradas e sem conclusão alguma, mantendo a garganta molhada com whisky de reconhecida procedência, vinhos de safra premiada e muita cachaça. Vale ressaltar que a dona da casa aprecia com moderação e só aos domingos... num calendário semanal duvidoso, eu diria.

Num desses encontros familiares, comentei que estava gravando diversos fragmentos de história contados pelo papai, e transcrevendo-os. Minha intenção era editar um livro, deixando um registro para as próximas gerações. Bem, por enquanto esta “próxima geração” se concentra no Henrique, com um pouco mais de um ano de vida.

Esta minha declaração, de escrever o livro, gerou ti-ti-ti, advertências, sugestões, palpites. Não perdi tempo: busquei meu celular para gravar um pedaço da conversa, que transcrevo aqui na íntegra:

(Fê) Vô, quando é que você vai escrever a sua história?

(papai) Não vou escrever a minha história.

(Fê) OK, então quem é que vai contar a sua história?

(papai) A Sandra. Eu estou contando os fatos pra ela.

(Edu) Pai, se a Sandra contar a sua história não será a “sua” história. Vai ser a história dela, do jeito dela, da forma que ela quer contar. Quando o Henrique vier a ler tudo isso, ele vai dizer o seguinte – “esse não foi o meu bisavô”.

(Fê) Vô, se você está preocupado em “como” as histórias são contadas, você não pode deixar que a sua seja contada por outra pessoa, não é?

(Edu) Principalmente a Sandra!

(Fê) A gente quer saber o que você tem pra contar. Qual é a sua percepção de vida. Já pensou se a gente lança um livro assim ó – 50 páginas aqui, 50 páginas ali; a mesma história de amor - vô e vó. Ela conta 50 páginas e você conta 50 páginas. Divide em pré-Diná e Diná. Não tem o pós Diná.

(papai) Não tem pré-Diná, quase nascemos juntos...

(mamãe) Ele namorou um tempinho uma “tuberculosa” e não durou muito tempo... não é Reynaldinho?

(papai) Ela chama de tuberculosa até hoje.

(Fê) A minha sugestão é a seguinte – 50 páginas pra você, vó, e 50 páginas pro vô. Vocês vão escrevendo a história e mais ou menos vão sincronizando os assuntos, porque senão, não vai dar nada certo. Aqui minha história de amor com a Diná, aqui do avesso, do outro lado, a minha história de amor com o Reynaldo. E a gente faz uma comparação – o seu começa no verso e o dele começa na frente. Vamos fazer?

(mamãe) Não vai bater! A única coisa que eu posso revelar hoje é que todos os primos eram primos-irmãos e ele não era. Nunca foi.

O que eu não sabia é que eu já estava sendo assediada no tempo do Lapa. E olha que eu tinha quatro ou cinco anos.

(papai) Mas nós nunca brincamos de casinha...

E assim, dou inicio a escrita deste livro, imersa neste ambiente de carinho, amor, provocações, filosofia, conjecturas, incertezas, fragmentos... e muuuita caipirinha!

Finalizar a edição deste livro foi um enorme prazer e um grande desafio.

Prazer, pela oportunidade de passar horas e horas gravando e observando como ele se divertia ao me contar suas travessuras de criança e juventude. Muitas vezes, dava uma paradinha na fala, fixava o olhar num ponto qualquer do ambiente e neste silêncio, parecia que se transportava para outro planeta. Para onde teria ido? Até onde sua memória o levara? Para mim, parecia a reprise de uma cena do filme Túnel do Tempo ou Jornada nas Estrelas: dá-se um comando e pluft! se transporta. Provavelmente, estava acessando um grande banco de dados na sua caixola, um tanto quanto bagunçada e empoeirada, como seu querido quartinho que ninguém pode entrar. Uma vez, me disse que nem precisava fechar os olhos para ver um "filminho" passando na sua frente. Ele via o filme com olhos abertos. Eu acredito!

Quanto ao desafio da escrita, tinha receio de não conseguir reproduzir "seu" jeito peculiar de contar histórias. Seus relatos nem sempre encerravam a ideia que queria transmitir, pelo menos não para mim; logo mudava de cena, de cidade, de década. Se eu o interrompesse, ele perdia o fio da meada dessa "pescaria de fragmentos de memória". Tomei cuidado para não incorporar, em demasia, o "meu" jeito de contar historias.

O resultado final? Só vocês, que o conhecem, poderão avaliar.

Eu adorei!

E antes de passar a palavra para ele, registro aqui meus agradecimentos.

Agradeço aos avós Clovis e Olivia, por terem colocado meu pai neste mundo.

Agradeço à você, papai, por ter tido a paciência de me aturar com tantas gravações, leituras e correções.

Agradeço à mamãe, pelo carinho, organização e dedicação com que nos recebe em todas as ocasiões - aniversários, bodas, feriados prolongados, festas natalinas, nascimentos ou apenas um almoço em família. Sem eles, não teríamos tantas oportunidades para discutir os fundamentos da "verdade verdadeira". Sem contar o fato de ter guardado por anos e anos, tantas imagens maravilhosas!

E agradeço ao Du, Dri, Gui e Fê pelas provocações, combustível importante para que os assuntos filosóficos ficassem mais apimentados e cada vez menos conclusivos.

Quanto ao Henrique? Espero que aprecie a leitura e as travessuras de seu bisavô.

Com amor,

Sandra Palma

26 de outubro de 2022

Estava escrito nas estrelas!

Diná Palma

Reynaldo Palma
1959

índice

Lembranças da infância,
adolescência e juventude 18

Vida de casado 82

Álbum de fotos 102

Verdade verdadeira 128

Pescando na represa das Pitas (1955)

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Quando nasci, meus pais moravam num sitio em Tambaú. Não me lembro o nome. Acho que moramos lá até eu fazer uns dois anos e depois mudamos para a fazenda Graminha, também em Tambaú. Ao completar sete anos mudamos pra cidade para que eu pudesse cursar o primário, e ali ficaram por toda vida.

Cursei o ginásio em diferentes cidades – Franca, São Simão, Santa Rita do Passa Quatro e por último em Tambaú, onde me formei. Em seguida, mudei para Casa Branca para cursar Científico junto com o tiro de guerra. Mais tarde decidi morar em São Paulo. Estudei contabilidade na Álvares Penteado e trabalhei no Banco Econômico da Bahia. Prestei concurso para o Banco do Brasil e passei. Tomei posse em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Me casei, você nasceu. Em seguida fui transferido para Pirassununga, uma cidade por onde passa o rio Mogi Guaçu e que fica perto de Tambaú. Ali ficamos quase quinze anos. Outra transferência pelo Banco do Brasil e viemos para São Manuel onde estamos até hoje.

Na linha do tempo, acho que foi mais ou menos assim:

Em 26 de outubro de 1933 nasci em São Paulo, na Maternidade Pro Matre.

De 1933 à 1944 morei em Tambaú, alguns anos no sitio, outros na fazenda e depois na cidade. Fiz o primário.

De 1945 à 46 morei em Franca, na casa da tia Raquel, irmã do papai, para cursar o ginásio. Fiquei dois anos. Fiz a primeira comunhão.

Em 1947 morei numa pensão em São Simão e cursei mais um ano de ginásio.

De 1948 à 51 voltei a morar em Tambaú. Viajava à Santa Rita do Passa Quatro para estudar. Me formei no ginásio e em seguida trabalhei dois anos na Coletoria.

De 1952 à 54 morei em Casa Branca na casa da tia Nenê. Fiz o tiro de guerra e três anos de Científico.

Em 1955 e 56 morei em Tambaú. Me lembro que pescava muito.

De 1957 à 59 morei novamente na casa da tia Raquel, desta vez em São Paulo. Cursei e me formei em contabilidade na Escola de Comercio Álvares Penteado. Comecei a trabalhar no Banco da Bahia.